

CORPOS QUE SE (RE)DESENHAM: dialogando com narrativas das infâncias a partir da experiência com as danças urbanas

Bodies that (re)design themselves: dialoguing with children narratives from the experience with urban dances

Nayara da Silva Ribeiro Melo

Universidade Federal Fluminense¹

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa

Universidade Federal Fluminense²

Iara Mirella de Souza Rodrigues

Universidade Federal Fluminense³

Thayane de Araujo Rodrigues

Universidade Federal Fluminense⁴

Adriana Martins Correia

Universidade Federal Fluminense⁵

Martha Copolillo

Universidade Federal Fluminense⁶

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de relatar os desdobramentos de um Projeto de Ensino realizado pelo Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Aqui descrevemos as oficinas desenvolvidas na Escola Municipal Anísio Teixeira, a partir da demanda que identificamos no primeiro encontro realizado. O relato está baseado em registros ordenados dos eventos que aconteceram na escola no ano de 2019, totalizando quatro oficinas. Nestes encontros ficou evidenciado que precisaríamos trabalhar as relações étnico-raciais, apresentando algumas referências e personagens negros para que se reconhecessem e se sentissem parte de uma cultura, no caso a afrodescendente e afro-brasileira.

Palavras-chave: Cultura corporal; Relações-Étnico Raciais; Infâncias; Educação Física Escolar; Educação Infantil.

Abstract: This work aims to report the experience of the unfolding of a Teaching Project carried out by the Physical Education Institute of Universidade Federal

¹ nayararibeiro@id.uff.br Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Bolsista do Projeto “O que pode um corpo?”

² ingridamorim@id.uff.br Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Bolsista do Projeto “O que pode um corpo?”

³ iara_mirella@id.uff.br Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Bolsista do Projeto “O que pode um corpo?”

⁴ thyanerodrigues@id.uff.br Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Bolsista do Projeto “O que pode um corpo?”

⁵ adrianacorreia@id.uff.br Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Coordenadora do Projeto “O que pode um corpo?”

⁶ marthacopolillo@id.uff.br Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense; Coordenadora do Projeto “O que pode um corpo?”



Fluminense. Here we describe the workshops developed at Escola Municipal Anísio Teixeira, based on the demand we identified in the first meeting. The report is based on ordered records of events that took place at the school in 2019, totaling four workshops. In these meetings, it became evident that we would need to work on ethnic racial relations, presenting some references and black characters so that they would recognize and feel part of a culture, in this case, Afro-descendants and Afro-Brazilians.

Keywords: Body culture; Race and Ethnic Relations; Childhood; Scholar Physical Education; childhood education.

INTRODUÇÃO

O Laboratório de Educação das Infâncias e Cultura Corporal (LEICC) consiste em um espaço de diálogo entre docentes e discentes do curso de licenciatura em Educação Física da UFF e o mundo da docência na Educação Infantil e Anos Iniciais, tendo iniciado suas ações em 2017. No ano de 2019 deu continuidade ao processo, desenvolvendo seu planejamento, aplicações e avaliações em parceria com o projeto "O que pode um Corpo?".

O referido projeto, desenvolvido também a partir do Programa Licenciaturas⁷ da UFF, busca fomentar a discussão e a troca de experiências entre Universidade e escola, tendo como foco as narrativas a respeito do corpo de crianças e jovens escolares. Nesse contexto, o termo "pode" apresentar-se a partir de um sentido polissêmico, entre potências e limites, sempre pensando no corpo como um "devir". Para Deleuze (2004), num devir não há imitação nem um modelo que se deseja alcançar: "Os devires são actos que só podem ser contidos numa vida e expressos num estilo" (p.13).

O planejamento integrou a coordenação do projeto, bolsistas e a equipe pedagógica da Escola Municipal Anísio Teixeira⁸. Nesta edição, o projeto contou também com a participação dos alunos da disciplina de Linguagem Corporal, Ritmo e

⁷ O Programa Licenciaturas é coordenado pela Divisão de Prática Discente da PROGRAD UFF, que divulga, anualmente, um Edital de Seleção Interna de Projetos que contenham uma proposta de iniciação à docência, com atuação do bolsista em atividades que envolvam uma dimensão da docência na educação básica, em todos os seus níveis e âmbitos. Os projetos devem ainda desenvolver contribuições teórico-metodológicas à formação do estudante de licenciatura bolsista.

⁸ A Escola Municipal Anísio Teixeira localiza-se no bairro de São Domingos, no município de Niterói (RJ). Foi fundada em 10 de março de 2014, tendo como proposta ser uma escola pública de educação integral em tempo integral para as primeiras séries do Ensino Fundamental, atendendo a crianças do 1º ao 5º ano.

Expressão⁹ do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, que atuaram no desenvolvimento de duas oficinas.

As coordenadoras e discentes bolsistas foram elementos mediadores desse processo, construído em conjunto com as equipes pedagógicas da escola, criando assim um espaço de reflexão/ação sobre o corpo, mediado pelo campo de conhecimento da Educação Física, mas que se estendeu para além das aulas curriculares. Tivemos como objetivo evidenciar questões como imagens, concepções, afetos e valores relativos ao corpo.

As ações desenvolvidas na Escola Municipal Anísio Teixeira se deram junto a turma do segundo ano do Ensino Fundamental. A partir do primeiro encontro, o processo dialógico nos apontou questões relativas às construções identitárias étnico-raciais, que passaram a nortear as demais intervenções.

PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A intervenção aqui relatada foi dividida em quatro oficinas, desenvolvidas em horário cedido pela professora regente da turma. As ações foram registradas em diário de campo e através de vídeos e fotografias, com a devida autorização da escola para uso interno da equipe do projeto, ou para uso externo, com o uso de recursos tecnológicos que pudessem garantir o anonimato das crianças.

Os procedimentos foram diversificados a cada encontro e estarão descritos a seguir. O planejamento de cada oficina foi antecedido por uma reunião da equipe, onde o material registrado no encontro anterior era avaliado e debatido, como forma de nortear a continuidade do projeto.

Nesse processo dialogamos também com concepções que tratam da infância como devir, como experiência que não se restringe a um recorte etário e sim como potência do tempo-intensidade (aión) e não apenas do tempo cronológico (chronos), (DELEUZE, 1997; KOHAN, 2004). Investimos na ideia de que essa experiência extrapola os dispositivos de infantilidade do mundo ocidental (CORAZZA 2002) e nos permite pensar as infâncias de forma plural, como expressão multicultural de uma

⁹ Disciplina obrigatória do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFF, que trata dos conhecimentos relativos à Dança/Atividades Rítmicas e Expressivas na formação docente.



multidão, em oposição a um projeto de escola voltado a um povo/nação de orientação racializada e generificada (ABRAMOWICZ, 2009, SARMENTO 2007, TOMÁS 2002). Buscamos ainda, no âmbito da Educação Física, tecer relações com autores que inauguram a concepção de cultura corporal (SOARES, 1992; DAOLIO 1994) e com os que reelaboram este conceito sob uma perspectiva inter/multicultural e/ou pós-crítica (NEIRA, 2009; NEIRA; NUNES, 2011; MARQUES, 2011; WIGGERS, 2005; SAYÃO; 2002).

Relatos das oficinas

As oficinas descritas a seguir não partiram de um planejamento fechado. A partir da proposta da oficina inicial, cada encontro realizado orientou a elaboração da oficina seguinte. Todo esse processo foi entremeado por reuniões da equipe do projeto e por reuniões da coordenação do projeto com a equipe pedagógica da escola.

Primeira oficina

Fomos à escola para ouvir/ver o que as crianças tinham a falar sobre corpo, a partir de suas próprias imagens. Optamos por trabalhar com estas narrativas a partir do desenho e da colagem, de forma semelhante ao que propõe Wiggers (2005) na sua pesquisa. O desenho, principalmente na infância, é um ato motor, onde o corpo se desenha. É também uma narrativa cultural, que pode ir se afunilando à medida em que as crianças vão assumindo modelos de determinadas culturas, em detrimento de outras.

Nesse sentido, levamos uma atividade de autorretrato, que foi realizada dentro de sala de aula, cujo objetivo era que as crianças pudessem desenhar a si mesmas, em uma folha em branco, tamanho A4. Oferecemos lápis de cor, canetinhas hidrocor e giz de cera com uma ampla paleta de cores. Também disponibilizamos diversos tipos de tecidos, lãs, papel, entre outros materiais para colagem, para complementar o cenário e/ou até mesmo suas próprias vestimentas e cabelos. Todos ficaram bem à vontade e livres para executar a tarefa. Ao final, fotografamos as crianças ao lado de seu autorretrato e, após isso, recolhemos todos os desenhos e levamos para a nossa reunião, em que fizemos uma discussão.

Observamos que a maioria dos alunos e alunas negras se desenharam como brancos utilizando o lápis “cor de pele” (rosada) na atividade, inclusive trazendo algumas características da branquitude como no caso da aluna que colocou um cabelo liso, quando na verdade seu cabelo era crespo.

De forma oposta, as poucas crianças que se representavam como negras apresentaram para nós um corpo desenhado de forma potente, não se limitando à cor da pele, mas enfatizando com destaque cabelos, traços e adornos de estética afro.

Dessa forma, concluímos que precisaríamos trabalhar com essas crianças a temática das questões das relações étnico-raciais, de modo a envolvê-los a partir de outras estéticas, outras formas de beleza e de saberes. Tentamos assim tensionar o modelo ocidental, eurocêntrico, que se institui como hegemônico. Pensamos então em começar esse percurso com referências e personagens relacionados à diáspora africana.

Segunda oficina

A partir dos resultados da primeira oficina, buscamos na literatura alguns livros de histórias infantis com personagens negros e encontramos um livro de Bell Hooks¹⁰ chamado "A minha dança tem história"¹¹. Essa obra relata a vida de um menino negro e b-boy (break boy) onde o mesmo fala da sua dança. O conto foi apresentado em forma de vídeo onde foi possível ilustrar as características físicas do personagem e cada verso da literatura era cantado sob a forma de rap.

Na sequência, tivemos a ideia de trazer para a segunda oficina um pouco da origem do hip hop, pois os precursores desse movimento eram negros e vieram das periferias dos Estados Unidos. Também trouxemos como referência Os Jackson Five, grupo musical que influenciou muito o universo da música pop. Incluímos também vídeos de dançarinas e dançarinos de danças do cenário hip-hop e funk (passinho) brasileiro.

¹⁰ Escritora, educadora, feminista negra contemporânea e ativista social estadunidense, nascida em 1952, na cidade de Hopkinsville, Kentucky. Dentre seus inúmeros livros, destacam-se *Outlaw Culture: resisting representations*, *Belonging: a culture of place*, *Thinking critical teaching: practical wisdom*, e *Ensinando a transgredir*.

¹¹ HOOKS, Bell. *Minha dança tem história*. 1. ed. [S. l.]: Boitatá, 2019. 32 p. ISBN 9788575597132.



Vale destacar que nesse momento, muitas crianças se enxergaram nos dançarinos e dançarinas, gritando “*Eu sou essa menina, olha como ela dança!*” - fala de uma aluna apontando para a dançarina que estava no vídeo. Vários outros alunos também diziam frases semelhantes e gritavam animadamente durante a atividade. Em alguns momentos, tentaram até dançar juntos.

Percebemos que conseguimos um bom diálogo e pudemos partir para a próxima atividade planejada. Esse segundo momento da oficina nos deu segurança para então ampliar esse processo empático das crianças no sentido de “serem” aqueles e aquelas artistas. Oferecemos então uma atividade de caracterização e de manifestação através da dança. As crianças se adornavam com um conjunto de materiais oferecidos por nós, composto por adereços da moda urbana, características da estética Hip Hop e Funk, com as roupas e os acessórios que oferecemos, para em seguida dançarem na roda de Hip Hop.

Nos baseamos na concepção de cultura corporal, entendendo que o ser humano é mais do que um ser determinado biologicamente, e “que a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade” (SOARES et al., 1992, p.26). Com isso observamos que cada um criou o seu estilo para dançar, tornando evidente que o homem é produto e produtor de culturas, mediado pelos contextos nos quais está inserido.

Ao final, abrimos a roda de dança, colocamos algumas músicas e chamamos um de cada vez para se apresentar à sua maneira. Os alunos ficaram muito empolgados e dançaram sozinhos, por vezes junto com amigos e ao final, a turma inteira estava dançando. Embora algumas crianças não tenham se disposto a se apresentar isoladamente, percebemos que todos e todas estavam envolvidos na atividade. No final, nos pediram para retornar, pois queriam dançar novamente.

Terceira oficina

Seguindo a demanda da turma como fio condutor para o planejamento, a nossa terceira oficina buscou aprofundar essa experiência com as danças urbanas. O encontro foi dividido em dois momentos: o de apreciação e a vivência dos alunos

durante a oficina.

Convidamos um discente do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, que naquele semestre cursava a disciplina Linguagem Corporal, Ritmo e Expressão. Este aluno é um dançarino urbano que traz, além de sua arte, uma imagem que evoca a estética resistente da diáspora africana, representada principalmente pelo uso do cabelo “black”. Esse convidado já entrou desenvolvendo sua performance de dança, na qual mesclou vários estilos das danças urbanas. As crianças se mostraram impressionadas com cada movimento e muito empolgadas com a apresentação.

Em seguida, fizemos uma dinâmica no intuito de aproximar as crianças do dançarino, realizando um momento para a entrevista onde foi disponibilizado um microfone de brinquedo para que os alunos formulassem perguntas para o convidado que havia se apresentado. Foram feitas perguntas como “você vai ensinar a gente a dançar assim?”; “como que você faz esses movimentos?”, “você já apareceu na televisão?”.

Após a segunda atividade, o aluno convidado ensinou alguns dos passos básicos de danças urbanas, que resultaram em uma sequência. Mais uma vez os alunos se mostraram muito envolvidos e bastante empolgados com a oficina. Enquanto isso, foi necessário na maior parte do tempo ter um controle da sala, pois alunos de outras turmas estavam curiosos querendo observar e participar da oficina.

Um fato curioso ocorreu ao final da aula que, devido a sua apresentação de dança, os alunos se aglomeraram em volta do dançarino pedindo autógrafos, e alguns alunos chegaram a relatar que *“eu queria tanto que o tio fosse meu irmão porque ele dança muito bem...”*.

Quarta oficina

Já nos encaminhávamos para a última oficina no ano de 2019, e buscamos neste último planejamento algo que pudesse ser um evento final e que envolvesse toda a escola.

Pensamos então em promover um o evento que significa o ápice de uma boa parte das culturas de danças urbanas: a batalha. Realizamos uma lista de inscrições



anteriormente, indo à escola alguns dias antes e, com a ajuda da professora da classe, conseguimos realizar as inscrições para que os alunos fossem chamados durante o evento para participar da batalha. Solicitamos também que os alunos fossem com roupas e acessórios para realizar a sua performance. Consideramos que, por se tratar de roupas da moda urbana, provavelmente uma boa parte dos alunos e alunas não teriam problema em trazer o que foi pedido. Por precaução, no dia do evento também levamos nossos adereços para emprestar para quem precisasse ou quisesse.

Mas aí nos detivemos diante de um impasse. A batalha é um evento competitivo, na qual os dançarinos e dançarinas realizam sua sequência de dança, desafiando o oponente. Normalmente os juízes decidem quem dançou melhor por placas com notas ou com apontamento da pessoa que dança. Iríamos fazer esse tipo de competição, classificando em melhor ou pior quem dançasse? Ou, por outro lado, iríamos excluir todo o desafio da batalha, descaracterizando e fazendo uma domesticação pedagógica dessas culturas?

Depois de muito debatermos, chegamos à ideia de avaliar cada criança que entrava na roda de desafio com placas com “emojis”, todos eles positivos: emojis com sorrisos, com beijos, com corações, com óculos escuros. Ao final, três juízes levantavam essas placas e o emoji que fosse predominante em dois dos juízes representava a medalha que a criança iria receber.

No dia da oficina não tivemos apenas a turma que acompanhamos durante as oficinas iniciais, tivemos também a presença de outras turmas que foram para assistir, e posteriormente, acabaram por participar das atividades junto com seus colegas.

Para a abertura do evento, convidamos o dançarino da oficina anterior e mais três alunos vinculados ao Instituto de Educação Física da UFF, totalizando dois dançarinos e duas dançarinas. Esses quatro artistas simularam duas rodas de batalha e em seguida, passaram a ser os jurados para a batalha de dança das crianças. O intuito não era de fato julgar a apresentação de cada aluno e sim, motivá-los a dançarem e se sentirem à vontade para simplesmente se expressarem e mostrarem o trabalho que desenvolveram.

Em um primeiro momento, dançaram individualmente as crianças inscritas. Em seguida, algumas crianças que não se inscreveram por timidez, foram convencidas a

dançar em dupla com colegas. Ao final fizemos grandes grupos onde todas as crianças das outras turmas puderam dançar. Os alunos que assistiam interagiram de maneira bastante positiva, tanto em relação aos que dançavam quanto a aqueles que demonstravam timidez durante a batalha, encorajando-os a dançar.

Nesse sentido, as medalhas entregues serviram como uma premiação pela participação na batalha, ressignificando a ideia do “melhor” (competição) para o “melhor de si” (potência). Mesmo as poucas crianças que não quiseram dançar, puderam escolher ao final uma “medalha” por terem participado do projeto da forma que quiseram e/ou puderam.

Ao final, alunos, professores e coordenadores estavam dançando juntos na quadra da escola, onde foi realizado o grande evento de encerramento do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que dentro de nosso papel como professoras estamos lidando com “corpos sociais” e não “corpos conchas” (MARQUES, 2011), não podemos esquecer da realidade cultural em que esses corpos vivem. São corpos que são atravessados por diferentes culturas, sendo por elas afetados. Porém, ser afetado por uma cultura, não significa ser um corpo a ser moldado por uma concha. São corpos com potências e com capacidade de transformação, que pode ser ampliada por uma maior variedade de trânsitos culturais e de outras formas de se conceber o belo e o bom. Devemos reconhecer e valorizar o universo de configurações corporais que nos é apresentado, para então com elas dialogar.

O projeto buscou trazer justamente a proposta da criação de um espaço de reflexão/ação sobre corpos que “dançando, criam vínculos, tornam-se corpos relacionais, corpos (portanto pessoas) que sabem, querem e prezam a comunicação, o olhar, a consideração e o diálogo com o outro.” (MARQUES, 2011, p. 34). A partir da nossa ação pudemos discutir questões como imagens, concepções, afetos e valores relativos ao corpo, acreditando que esses corpos lúdicos e relacionais caminham também no sentido de serem corpos críticos e potentes. Entendemos ter sido esse o caso dessas crianças, que puderam experimentar e se afetar por estéticas e formas de estar no mundo diferentes das que seus corpos antes haviam “se desenhado”, agora ultrapassando referenciais normativos da branquitude. Para além



disso, acreditamos também que as demais crianças (não negras) e, mesmo as que se reconheciam como negras, puderam tecer novos saberes a partir de uma experiência outra de “ser corpo” na escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. Different kinds of childhood in early childhood education. **Pro-Posições**, v. 20, n. 3, p. 179-197, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância & Educação – Era uma vez... Quer que conte outra vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus Editora, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik. v.4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP & A, p. 51-68, 2004.

MARQUES, Isabel. **Notas sobre o corpo e o ensino de Dança**. Caderno Pedagógico, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física na perspectiva cultural: proposições a partir do debate em torno do currículo e da expansão do Ensino Fundamental. **Revista Horizontes**, p. 79-89, 2009. Disponível em: http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/marcos_20.pdf . Acesso em: 28 set. 2020.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 671-685, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000300010 . Acesso em: 28 set. 2020

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Culturas infantis e interculturalidade. Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 19-40, 2007.

SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. **Pensar a prática**, v. 5, p. 1-14, 2002.

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TOMÁS, Catarina. Infância como um campo de estudo multi e interdisciplinar, algumas reflexões. **Revista Psicologia e Educação**, v. 1, p. 131-146, 2002.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul./dez. 2020, p. 229 - 239.

Recebido em: 15/10/2020

Publicado em: 20/12/2020



Disponível em:

http://psicologiaeeducacao.ubi.pt/Files/Other/Arquivo/VOL1/PE%20N1e2/PE%20N1e2_index_12_.pdf . Acesso em: 28 set. 2020.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/160> . Acesso em: 28 set.

